

Assistência Técnica Internacional

TORNOU-SE de hábito por parte de administradores e economistas a referência quase obrigatória aos problemas de assistência técnica. É expressão que obteve, junto ao especialista e leigo, o prestígio das grandes idéias que trazem em si o generoso impulso da convivência humana. Da assistência técnica pode dizer-se que tem, hoje livre trânsito na cátedra, nas assembléias mundiais e nos organismos oficiais.

Não se trata, porém, de fenômeno recente, fruto de condições específicas do nosso século. Suas origens vão longe no tempo, e o Professor PETER LENGYEL identifica, na evolução da assistência técnica, alguns antecedentes como estes: adaptação de técnicas de um determinado meio para outro; imitação de métodos consagrados no estrangeiro e a transferência de inovações.

O contexto histórico em que se desenvolveu é, assim, muito vasto e não limitado a umas poucas manifestações, pois que até a imigração, forçada ou espontânea, parece encontrar-se entre os fatores que propiciaram a transplantação de técnicas e de saberes para além de fronteiras nacionais, tribais e de civilizações.

O que realmente há de novo nessa forma de solidariedade tão em voga é a sua concretização em termos institucionais. Antes intermitente, lenta e vacilante, a assistência técnica afirma-se, agora, de maneira orgânica e permanente. Deve-se aos ingleses o primeiro texto legal sobre a matéria, segundo as disposições contidas no British Colonial Development and Welfare Program de 1929.

Políticos sensíveis às realidades do imenso império que dominaram, cedo compreenderam a importância da assistência técnica para assegurar a presença da Inglaterra nos mais diferentes pontos da terra. Presença não eternamente bem-vinda, pois as comunidades politicamente mais evoluídas foram, por sua vez, procla-

mando a necessidade de uma distribuição mais equitativa de riquezas e de uma mais efetiva difusão do progresso, entre as nações.

Formou-se pouco a pouco, em consequência dêsse estado de espírito reivindicante, uma autêntica consciência universal dos problemas de uma humanidade dividida em nações ricas e pobres. A tal ponto dividida que foi possível o aparecimento, senão de uma ciência, mas de estudos e conhecimentos especiais dedicados aos países subdesenvolvidos geograficamente reunidos num todo pela semelhança de suas estruturas globais.

Pois é a êsses países, cêrca de setenta, carentes de qualquer índice expressivo de progresso, que a assistência técnica internacional procura fornecer, sob múltiplas formas, os elementos indispensáveis à solução dos seus dramas sociais, econômicos e culturais.

Estabelecida com o propósito desinteressado de ajuda, a assistência técnica processa-se por meio de organismos que comportam um quadro de cientistas e burocratas encarregados da elaboração e execução dos vários programas em cogitação. Que seja bilateral ou regional, o sucesso dos empreendimentos dependerá em larga escala das reais motivações que deram ensejo à assistência concedida e solicitada.

Em princípio neutra, a menor interferência de consideração de ordem política ou mercantil retirará, de antemão, à assistência os benefícios e os méritos perseguidos. Daí porque uma verdadeira assistência técnica devesse realizar-se sempre no nível de organizações internacionais do tipo da ONU, de indiscutível imparcialidade, pelo caráter supranacional de suas finalidades.

O programa de assistência da ONU vem sendo, aliás, cumprido com algum êxito e compreende conselhos técnicos, formação de peritos, demonstrações com o objetivo de aperfeiçoar e difundir as diversas técnicas, o estabelecimento de planos pilotos, a vulgarização da informação científica e a concessão de bôlsas de estudo.

Adotado em 1949 pelo Conselho Econômico e Social das Nações Unidas, um outro programa ampliado, em oposição a de rotina, prevê inclusive um item referente à assistência técnica em matéria de administração pública. Em qualquer hipótese, a assis-

tência técnica da ONU deverá ser solicitada pelo país interessado, destina-se aos governos e não deverá ser pretexto para nenhuma ingerência econômica ou política.

Lamentavelmente, os recursos técnicos e financeiros da ONU não bastam para garantir a expansão de suas atividades num setor em que a demanda cresce de modo vertiginoso. Uma simples citação ilustrará o esforço já feito: De 1950 a 1954, perto de 5.764 peritos da ONU partiram em missão nos países subdesenvolvidos e 3.691 bolsas de estudo foram concedidas, no mesmo período. Já em 1955, nada menos de 2.000 peritos empreendiam idênticas missões e 3.000 bolsas eram também distribuídas.

A insuficiência da ação da ONU pôs, assim, uma considerável faixa de países subdesenvolvidos à mercê dos planos de assistência concebidos em função de acordos bilaterais (Ponto IV) ou regionais (Plano de Colombo), cujos resultados não estão isentos de falhas e críticas.

Censura-se com frequência os acordos bilaterais ou regionais porque, de ordinário, o país doador da assistência impõe cláusulas ao país beneficiário nem sempre condizentes com os objetivos de índole estritamente técnicos que inspiram a celebração dos mesmos e que são, por exemplo, inerentes à assistência praticada pela ONU.

Mas a censura mais grave que se poderá levantar contra esses acordos é que eles estão sendo o instrumento de uma competição internacional que visa a conseguir, para alguns países ou grupos de países em aliança, vantagens que chegam à penetração ideológica e à conquista de mercados para a mão-de-obra especializada excedente.

Nesse sentido, tem-se falado que a assistência técnica internacional passou a ser um simples artigo de exportação, de alto teor propagandístico e comercial... Veremos oportunamente e como os Estados Unidos da América e a União Soviética comportam-se: nessa luta desenfiada, como os protagonistas mais fortes.

No entrechoque de uma tal competição, onde há lugar para várias estratégias, a assistência técnica perde em substância e conteúdo, deixando de ser uma manifestação de solidariedade,

para transformar-se em objeto de uma transação nominalmente diplomática. Não é outro o desencanto que aflige respeitáveis sociólogos e filósofos da problemática do nosso tempo. Pôde assim FRANCOIS PERROUX protestar, em palavras candentes, contra a "avareza das nações", que, segundo êle, "nada cede gratuitamente e sacrifica a vida às coisas".

Quando peritos da ONU estimam em dez bilhões de dólares a soma anual necessária para a decolagem dos países subdesenvolvidos, os programas de assistência técnica internacional em curso representam, antes, um desafio à paciência dos oprimidos do que uma esperança de solução para os numerosos problemas que lhes dificultam o caminho do progresso.